

Adestramento em Campanha

Ten Cel QEMA
ZOLÁ POZZOBON

1. Finalidade

Qualquer Exército é organizado para responder aos imperativos de segurança da Nação. As ameaças que contra ela pairam provêm do exterior ou da frente interna do País. Os dias que correm se caracterizam pela combinação de ambas as fontes.

As ações que objetivam criar e manter a boa imagem do Exército face à população civil, promover o bem-estar e elevar o moral da tropa, combater a subversão e manter a paz interna constituem uma das grandes componentes da missão do Exército. Absorvem, nos dias que correm, grande parte das preocupações, dos programas, cuidados e instrução nos quartéis.

Ao que parece, não há ameaças externas imediatas para nós, pelo menos da forma clássica como se concebia há algum tempo.

Assim sendo, poderá surgir a tendência de se minimizar a importância desta componente da missão do Exército — a defesa contra a agressão externa.

Essa agressão não se restringe à clássica idéia de invasão do território. Tudo aquilo que se contrapõe, em nível de Estado, como um todo e de forma organizada, com potencial ou concretização de ameaça é agressão.

Contra tal possibilidade deve o Exército estar pronto para dar resposta, no contexto das Forças Armadas e, mais amplo, do Poder Nacional.

O adestramento em campanha constitui um dos meios para colocar o Exército em condições de conjurar a ameaça externa. Torná-lo capaz de se desdobrar, concentrar-se e aplicar o golpe decisivo, no ponto desejado, levando o inimigo à destruição ou à capitulação, eis a finalidade, do adestramento em campanha. Para isso o Exército se farda, se supre, equipa, instrui, desafia a intempérie e vence distâncias, ultrapassa as horas formais de expediente e invade a noite.

2. Manobras de Quadros ou com Tropa

Ambas são necessárias e cada tipo tem sua aplicação, na oportunidade adequada e de acordo com o objetivo a atingir.

A Manobra de Quadros tem a vantagem de poder ser conduzida a cavaleiro dos eixos e, quando for necessário “entrar” em propriedade particular; geralmente é mais fácil obter-se a permissão correlata, pois os objetivos e número de viaturas empregadas são reduzidos.

A fim de exercitar Estudos de Situação, análise do terreno e tomada de decisões, constitui um expediente barato. Para dotá-lo, basta sair dos grandes centros urbanos e, mesmo em seus arredores, imaginar uma situação ofensiva ou defensiva simples. Eixos e linhas do terreno existem por toda parte. Do General ao Tenente Cmt Pel, há oportunidade para soluções adequadas e proveitosas ao aperfeiçoamento profissional.

Com tropa, a execução se complica, à medida em que se sobe de escalão.

Na maioria das ex-granjas e invernadas que muitas Unidades do interior ainda possuem é possível conduzir exercícios com tropa até o nível Batalhão. Acima desse escalão,

é necessário dispor-se de campos de instrução. Manobras em que só as vanguardas se empenham e, assim mesmo, parcialmente; em que dificilmente há emprego da reserva (esta, nas mais das vezes, se resume em cerrar e esboçar sua ação); em que os grossos marcham indefinidamente, sem saber onde ou como serão empregados, não correspondem ao treinamento esperado, à participação desejada e aos dividendos que se almejam colher. Levando-se em conta o tempo de planejamento, os gastos de combustível e o desgaste do material, tornam-se muito baixos os resultados colhidos.

Após uma manobra com tropa, é necessário que cada fração sinta haver sido útil e ter funcionado como engrenagem indispensável do conjunto.

A partir de Brigada, crescem de vulto as dificuldades. Esse escalão, na marcha para o combate ou na ofensiva, atua normalmente sobre dois eixos de marcha ou progressão. Na defensiva, barra algumas vias de acesso, o que exige espaço para desdobramento.

Imaginemos uma Brigada no combate de encontro, com duas Unidades em primeiro escalão. Enquanto se desenvolve a marcha para a frente, trabalham as vanguardas, em busca do contato. O grosso simplesmente se desloca. Estabelecido o contato com o "inimigo", as próprias vanguardas vão enfrentar problemas, pois, barrado o eixo, terão de sondar o adversário à esquerda e à direita e atacar para prosseguir. Então, defronta-se a tropa com cercas e porteiras que não deverão ser depredadas. Onde será empregada a reserva? No próprio eixo ou desbordando a posição, o que exigirá a tomada de uma variante, sempre com cercas e porteiras de um e outro lado?

Na defensiva, ressalta a questão da organização do terreno, a camuflagem etc. Isso demanda movimento de terra, corte de galhos de árvores etc. Conseguirá a figuração inimiga atingir a posição sem esbarrar no arame farpado, não podendo cortá-lo? E a tropa de contra-ataque não terá de abrir alguma porteira, para não usar o alicate?

Assim considerando, somos levados a pensar que a manobra com tropa deverá se desenvolver em campo de instrução do Exército. Os deslocamentos para a área servirão como exercícios de marcha administrativa, se motorizados ou a pé e poderão se transformar em marcha para o combate, já no campo de instrução, sem obstáculos que, na realidade, seriam removidos pelo atacante.

Diz o TE 101-10, ECEME, 1967, organizado com base no FM 101-10 — Organization Technical and Logistical Data, sobre Campos de Instrução: “Armas de que são dotadas as divisões, particularmente os canhões de 90 mm e 120 mm de carros de combate, tornaram obsoletos o emprego de estandes de tiro que se utilizaram para a instrução na 2.^a Guerra Mundial. A fim de dar cunho real à instrução, o canhão de 90 mm de CC exige um mínimo de 22 km; para o canhão de 120 mm de CC são necessários 32 km. Por conseguinte, instalações anteriormente utilizadas para a instrução de divisões não mais atendem às necessidades atuais”.

Seguem dados sobre áreas aproximadas de instalações:

INSTALAÇÃO	CAMPO DE INSTRUÇÃO (Hectares)	CAMPO DE TIRO (Hectares)
DI	20.230	36.420
DB	28.330	56.660
D Aet	20.230	36.420
C Tiro de AAA	2.428	28.330
C Tiro de CC	—	56.660

Esses dados devem ser revistos, face à nova organização das GU. A tendência de se aumentarem os alcances das armas recomenda espaços maiores.

3. Utilização dos Campos de Instrução

Devemos admitir que nossos campos não são suficientemente explorados. Lá está Saicã, por exemplo, que raramente recebe visita de tropa (15 dias por ano). São milhares de hectares de terras que se prestam à ofensiva, defensiva, movimentos retrógrados, tiros de carro, morteiros, artilharia, exercícios de comunicações, enfim, uma área que preenche as condições preconizadas no quadro anteriormente citado. Em volta, estão sediadas Unidades das 2.^a e 3.^a Bda C Mec e 6.^a Bda Inf. Bld. Saicã é servida por ferrovia e rodovia (BR 290) o que facilita o deslocamento das Unidades.

Nesta altura, desejamos informar o que vimos na República Federal da Alemanha sobre o assunto. Dentre outras atividades, visitamos alguns campos de instrução, em Lüneburg e Berghone, ambos situados na Baixa Saxônia. No último, há uma velha Kaserne (aquartelamento), sede de antigo regimento, em muito bom estado de conservação, que abriga a administração do campo, dispõe de rancho organizado e alojamento para a tropa, com água encanada e sanitários. Tais facilidades dispensam a instalação de barracas, cozinhas de campanha etc., que são verdadeiros ônus a uma tropa que vai ao campo para realizar tiros de maior alcance ou exercícios táticos. Na “Kaserne” de Berghone há uma escala para atender às Brigadas da 3.^a Divisão Panzer, — bem como às tropas inglesas estacionadas naquela região da Alemanha.

As “linhas-de-tiro” destinam-se às mais variadas armas, como morteiros 81 e 4.2, obuses 155 mm, canhões de carro-de-combate e anticarro, armas automáticas etc. Há torres com observatórios envidraçados para controle de tiro, com ligações entre controladores e executantes, corrigindo-se imediatamente alças e derivas, sempre que se apresentar qualquer ameaça ao trânsito nas rodovias e às vilas próximas.

Berghone é servido por longitudinais e transversais asfaltadas, o que facilita e abrevia as ligações, evita desgastes de viaturas e material-rádio.

Parecerá a alguém que tal campo é muito sofisticado e não se aplica às nossas condições. Argumentamos que poderíamos dispensar alguns requintes e que a utilização intensa de um campo bem equipado compensa essa parcela de investimento a serviço da segurança. Desejamos salientar a conveniência de se explorar ao máximo campos de instrução, para a realização de tiro, evocando as "campanhas-de-tiro" de anos atrás. Movidos pelo espírito de crítica construtiva podemos dizer que nosso Exército pouco atira, particularmente a partir de calibre 20mm. É comum encontrar-se elevado número de negas em lotes de munição, pelo demasiado tempo de armazenagem nos paióis. Uma das causas do baixo consumo de munição é a não utilização de locais adequados para o tiro.

4. Conclusão

Acreditamos que, uma vez planejado e posto em execução o uso racional dos campos de instrução por todas as Unidades de uma GU, cada qual no seu período de disponibilidade e a própria GU, como um todo, para coroar o ano de instrução, justificam-se plenamente os investimentos que se fizerem para melhorar as instalações e o fato de se manter hectares e mais hectares de terras economicamente sem utilização.

Então poder-se-á resistir à tentação de se criarem ovelhas ou de se estabelecerem granjas de arroz.

"O culto à tradição, a lembrança das virtudes e feitos gloriosos de um povo forjam e estruturam a força viva de uma nação."